

# A Agricultura Familiar e a experiência de cooperação com a Petrobrás no município de Mossoró e Região – RN

**Valdemar Siqueira Filho**<sup>16</sup>

**Jonathas Beck Ramos**<sup>17</sup>

**Elisabete Stradiotto Siqueira**<sup>18</sup>

**Fabio Chaves Nobre**<sup>19</sup>

## RESUMO

Esse texto apresenta o relato de uma ação de pesquisa/extensão realizada por professores e alunos da UFERSA, que iniciou um pouco antes da pandemia em 2020. A atividade foi pensada em duas etapas, a primeira com a realização de diagnóstico e a segunda com ações de interação e aprendizado com as comunidades envolvidas. Neste artigo

apresentamos o resultado da primeira etapa. Foram feitas entrevistas com 115 pessoas em unidades de Agricultura Familiar, nos municípios da região de Mossoró/RN, em áreas de atuação da Petrobrás. Nesse diagnóstico identificou-se além das condições de titulação da terra e das atividades econômicas, buscou-se a percepção da relação entre empresa e agricultores. No diagnóstico sobressai a importância econômica para os agricultores da cooperação com a Petrobrás.

**Palavras-Chave:** Agricultura Familiar, Petrobrás, Extensão Universitária.

## Introdução:

Este texto apresenta o relato de uma ação de extensão que teve início antes da pandemia, mas que foi como uma série de outras ações suspensas com a mesma, no momento aguarda condições financeiras e políticas para sua continuidade. A ação foi inicialmente pensada em duas etapas, a

<sup>16</sup>Graduação em Letras pela UNIMEP

Mestrado e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Mossoró/RN.

<sup>17</sup> Graduação em Comunicação Social em Radialismo; Universidade Metodista de Piracicaba; Mestrado em Humanidades Direitos e outras legitimidades - FFLCH USP; Doutorado em Humanidades Direitos e outras legitimidades - FFLCH USP.

<sup>18</sup> Graduação em Administração UNIMEP; Mestrado em Administração pela PUC/SP; Doutorado em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Mossoró/ RN.

<sup>19</sup> Graduação em Ciências Econômicas pela UFC; Mestrado em economia pela UFC; Doutorado em Administração pela Unimep.

primeira de natureza diagnóstica e a segunda de interação e aprendizado com as comunidades envolvidas. Este texto apresenta o resultado da primeira etapa, com o levantamento de dados sobre as unidades familiares que abrigam em suas propriedades alguma atividade realizada pela Petrobrás, na exploração do Petróleo em Mossoró e municípios vizinhos.

Nesse texto, fazemos uma reflexão inicial sobre o papel da universidade, através da extensão, na articulação de ações entre Empresa e a Comunidade, considerando limites e perspectivas. No segundo momento apresentamos a metodologia e os dados obtidos no levantamento realizado em 10 municípios da região de Mossoró/RN

### **Extensão: diálogos necessários**

A indagação inicial que orientou o trabalho foi sobre a sobreposição de sistemas produtivos com lógicas de gestão diferenciadas. De um lado a Petrobras, de natureza privada, mas com vocação pública e do outro a agricultura familiar, orientada por valores de solidariedade, subsistência, ou seja, trata-se do diálogo entre a lógica instrumental, da Petrobras e substantiva, dos agricultores familiares (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Interessava, para a etapa de diagnóstico, compreender como ocorria essa interação entre a agricultura familiar e a

Petrobras para depois contribuir/aprender formas de convivência saudáveis entre eles.

Nesse sentido, a etapa de diagnóstico teve o objetivo de conhecer como os agricultores familiares sentiam e interagiam com as ações da Petrobras, para em um segundo momento construir com eles formas de diálogo respeitadas e produtivas.

Justificando assim, nosso contexto, partimos da crítica que Paulo Freire tece sobre a extensão universitária tradicional, para o autor, ela se configura como uma prática intervencionista nas comunidades, que se caracteriza por levar o conhecimento acadêmico para fora de seus muros, ignorando a cultura e as formas de conhecimento populares existentes (FREIRE, 2014).

Destacamos aqui, conhecimento popular, pois este termo também é utilizado pela academia como sendo distinto da cultura popular, na qual suas práticas, seriam restritas ao campo do saber, pois conceitualmente, conhecimento seria pautado por métodos científicos, pretensamente puros e isentos das relações contraditórias na produção científica.

Dualidade esta que não compartilhamos, ao reconhecer o caráter histórico, portanto inacabado da ciência. Nesse sentido, por uma adesão filosófica e política, nos posicionamos contrários ao elitismo que separa e exclui distintos métodos de representação /conhecimento da nossa realidade. Nos interessa e pensamos ser mais

produtivo o diálogo entre diferentes metodologias e suas perspectivas culturais.

Para Tragtenberg (2002), a universidade deve buscar sua finalidade que é o livre acesso para o povo estudar e o meio para atingi-la é a estrutura burocrática de organização institucional, entretanto a burocracia muitas vezes se reduz eminentemente às políticas internas, que são eivadas pelas relações de poder e interesses econômicos. Assim da graduação a pós-graduação é o poder e os recursos econômicos que determinam muitas práticas, distanciando-se da finalidade educativa.

As universidades periféricas como a nossa, que são a maioria, atendem diretamente o povo mais necessitado, mas em contrapartida, são penalizadas com a restrição ao acesso de recursos, inclusive impedindo a formação de Programas de Pós-Graduação pelos critérios que se pretendem de excelência, tomados a partir das universidades que podemos chamar de centrais, ou historicamente já estruturadas, ou seja, na prática, cria-se uma oligarquia do conhecimento que se perpetua nas relações de poder político e acesso aos recursos. Esta é tradicionalmente a regra do jogo, mas precisa mudar, pois já não corresponde mais às demandas para o século XXI, de pessoas formadas e informadas, com perspectivas de autonomia do povo.

Outro elemento, que levamos em conta em nosso trabalho, é a filiação de grande parte

de nossas teorias ao pensamento eurocêntrico, no qual aplicamos conceitos do velho continente para nossa realidade, sem a necessária tradução cultural (PINHEIRO, 1996).

Frei Beto (1997)<sup>20</sup> publicou uma carta sobre Paulo Freire e nela recuperava o ensinamento do mestre: “a cabeça pensa onde os pés pisam”, ou seja, nossa experiência na produção rural tem elementos muito próprios, inerentes a nossa cultura, como por exemplo as formas de organização que demonstram processos de sobreposição entre o coletivo e o indivíduo, que negam a temporalidade linear, preferindo a simultaneidade na qual passado, presente e futuro se juntam, não restrita a cronologia e a fragmentação das disciplinas em conhecimentos estanques que orientam o pensamento tradicional das ciências sociais

Nesse sentido, como orientação para este trabalho, evitamos estruturas de pensamento dicotômico como por exemplo: organizado/desorganizado, consciente/alienado, coletivo/particular etc.

Buscamos compreender formas de produção cultural, no contexto de nossa sociedade predominantemente excludente e autoritária, que toma os privilégios como valor positivo, sendo revestido de meritocracia.

Entretanto reconhecemos que a realidade é complexa, a luta para mudar este contexto segue ininterruptamente, ora mais

---

<sup>20</sup> Esse texto foi escrito por Frei Beto e publicado no Jornal Folha de São Paulo um dia após a morte de Paulo Freire.

forte, ora mais frágil e esta modulação justifica as mudanças sociais e nosso trabalho na universidade pública deve favorecer estes processos, do contraditório e da promoção da autonomia popular em nossa prática educativa.

## **Sobre o diagnóstico**

Em nossa região de estudo, as estruturas institucionais se repetem e com elas as formas de exclusão, de carências e de obstrução ao projeto de vida popular, que busca apenas o direito à vida.

Mas uma empresa que transita entre a dimensão pública e privada como a Petrobras por meio de seus diferentes projetos interferem na percepção e no cotidiano das pessoas que atuam na agricultura familiar. Em muitos casos com a indiferença ou impotência do poder local para atendimento das demandas da população rural, constrói-se provisoriamente novas formas de participação, substituindo o Poder Público pela Petrobras, ou seja, ela passa, em algumas situações, a representar o canal de resolução dos problemas no campo em relação às demandas da agricultura familiar. Esse foi o pressuposto do nosso trabalho.

Nas entrevistas com as lideranças pudemos perceber que existe uma clara substituição de papéis políticos, pois as demandas das famílias são encaminhadas primeiramente para a Petrobras que atua

diretamente nas áreas dos assentados, operacionalizando seus postos ou estruturas de produção da empresa. Por sua vez, a Petrobras contribui com algumas melhorias, como estradas e financiamentos de projetos para os assentados e encaminha para o poder público demandas que não competem à atuação em seu papel como empresa estatal.

Para concretizar o diagnóstico inicial foi elaborado um questionário que indagava sobre como as ações e interações com a Petrobras interferiram no cotidiano das comunidades rurais, a maioria delas de agricultura familiar.

Para a pesquisa, a Petrobras forneceu a localização de 37 localidades em que mantinham estruturas produtivas em áreas de agricultura familiar e os contatos dos agricultores com quem mantinham algum tipo de relação contratual. De posse dessa informação a equipe iniciou a visita a esses locais para aplicar os questionários. Além do instrumento de coleta de dados também foram realizadas anotações no diário de campo e entrevistas não estruturadas, que ampliaram a compreensão dos dados quantitativos e contribuíram para contextualizar como a relação com a Petrobras vem se construindo. Ao final do processo foram preenchidos 115 questionários. Dessa forma, os dados que apresentamos a seguir são resultado tanto da tabulação dos questionários como das anotações dos diários de campo.

Nos contatos com os funcionários da Petrobras, para ter acesso aos documentos

que orientaram a localização das estruturas produtivas, também foram realizadas conversas informais que ajudaram a compreender como se dava a relação da empresa com os agricultores. Portanto, nossa análise está alimentada pela tecitura de todos estes contatos.

Apesar de usarmos a indicação de uma rede entre lideranças dos assentamentos, construindo um processo em que gerasse maior confiabilidade, a relação com a universidade é mais complicada, pois o desconhecimento para com os pesquisadores não se resolve assim, mas pelo convívio de

anos nas lutas e nas formas de apoio, condição inexistente neste momento. Entretanto, temos que ressaltar que as casas em que fomos recebidos, invariavelmente apresentaram atitudes acolhedoras, seja na conversa franca, no sentido direto dos depoimentos, como também na cuidadosa tentativa de percepção de nossos objetivos no local. A maior demonstração de respeito e afeto ocorria quando serviam café ou algum alimento da casa que certamente poderia fazer falta para aquela família. O quadro 1 detalha as localidades e a quantidade de questionários preenchidos em cada uma delas.

**Quadro 1 – Localidades da pesquisa**

MUNICÍPIO	CAMPO DE PETRÓLEO	PROPRIETÁRIOS	ENTREVISTAS REALIZADAS
MOSSORÓ	AC	1	1
FELIPE GUERRA	ASB	15	1
GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO	BAL	12	0
FELIPE GUERRA	BE	14	0
UPANEMA	BJZ	1	2
UPANEMA	BR	17	1
MOSSORÓ	BRL	1	0
MOSSORÓ	BRS	12	1
AREIA BRANCA	BVS	15	4
CARAUBAS	CAC	20	13
MOSSORÓ	CAM	209	2
MOSSORÓ	FC	2	0
MOSSORÓ	FCN	1	4
MOSSORÓ	FJ	1	1

GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO	FMQ	24	7
ICAPUÍ/ARACATÍ	FZB	5	4
ICAPUÍ/ARACATÍ	IC	2	0
APODI	JAN	2	22
GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO	LOR	154	1
FELIPE GUERRA	LPX	11	1
CARAUBAS	LV	54	2
MOSSORÓ	MO	6	3
AREIA BRANCA	MOR	1	0
MOSSORÓ	PJ	74	1
AREIA BRANCA	PML	9	1
MOSSORÓ	PTS	1	13
MOSSORÓ	PV	2	1
FELIPE GUERRA	PX	2	0
AREIA BRANCA	RE	5	0
AREIA BRANCA	REP	23	0
APODI	RFQ	2	15
GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO	RMO	3	0
SERRA DO MEL	SM	1	0
AREIA BRANCA	SVM	2	1
GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO	TM	4	0
FELIPE GUERRA	VRG	22	13
UPANEMA	UPN	9	0
		739	115

Fonte: Elaborado pelos autores com os dados da pesquisa

Quanto ao perfil dos entrevistados encontramos: 65% dos respondentes foram os próprios proprietários da terra em questão, seguido por 15% filho(s), 16% cônjuge e 4% outros. Muitos dos questionários foram respondidos por pessoas do núcleo familiar, isto ocorreu devido à ausência do proprietário, pois alguns locais são extensos e de difícil

acesso, assim no momento da entrevista estavam cuidando da plantação, animais ou assuntos externos e trabalhos nas cidades da região.

As casas, de forma geral, assim como a terra em que trabalham, não oferecem condições adequadas de moradia e trabalho. Principalmente com relação a escassez da

água que em longos períodos de seca, podem perder as lavouras, ou os animais que criam para ajudar na renda familiar.

As condições de vida, também precisa ser pensado no contexto em que eles vivem, pois o esforço atual está direcionado para que os jovens possam estudar nas cidades e consigam uma vida menos dura do que a que vivem nos assentamentos.

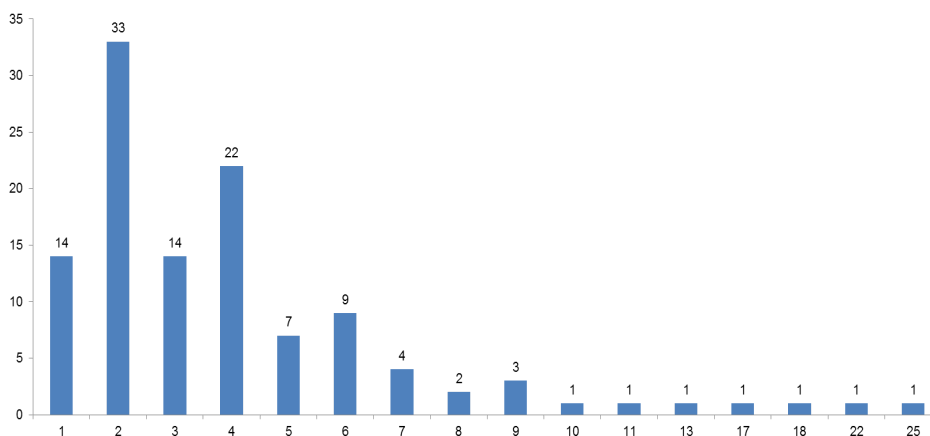
Assim, a condição social existente atualmente no campo inviabiliza a construção de um projeto de vida na terra para as novas gerações, pois sem trabalho, sem recursos para a permanência digna. Para as gerações mais velhas, a aposentadoria garante renda, situação de grande parte dos proprietários e a cidade parece apresentar a única opção para as gerações mais jovens e para quem não conta com esta renda .

Os resultados quanto a forma de acesso a terra, demonstram que 36 respondentes o conseguiram por meio de herança, 25 através de projetos da reforma agrária, 35 o compraram com recursos próprios e 15 compraram a propriedade através de recursos de financiamento, sendo que desses 15, 13% já quitaram o financiamento e 87% ainda não o fizeram, 2 respondentes não responderam à questão e 4 deram outras respostas.

Em relação às formas de financiamento 105 pessoas destacam que não fizeram financiamento, 8 entrevistados recorreram ao INCRA como fonte de financiamento, 1 entrevistado ao BNB, 1 entrevistado ao Banco do Brasil.

As famílias não são numerosas, predominam núcleos familiares com duas pessoas seguidas por núcleos de 4 pessoas, como indicado no gráfico 1.

**Gráfico 1 - Número de Pessoas residentes nas casas entrevistadas**



Fonte: Elaborado pelos autores com os dados da pesquisa

A regularização da terra é o principal problema que as famílias enfrentam e que impede a conquista de melhorias no assentamento, como água, luz, benfeitorias, plantio e financiamentos para a produção. A Petrobras tem feito reuniões com assentados e políticos locais para resolução deste problema, que ultrapassa décadas de lutas por estas famílias.

Nestas reuniões percebe-se que os moradores relatam a falta de vontade política para resolução ou mesmo encaminhamento desta demanda. Mencionam que os políticos locais não se comprometem.

A legislação obriga a Petrobras a pagar *royalties* para os proprietários da terra que ela utiliza seja para a instalação de um poço, uma casa de máquinas ou estradas para os caminhões transitarem entre as estruturas produtivas da empresa. Entretanto, as famílias assentadas somente poderão receber o pagamento dos *royalties* mediante o título de propriedade da terra, assim estes recursos nos últimos anos, foram depositados em juízo pela empresa e aguardam a solução fundiária para o seu desbloqueio que seria de grande ajuda para os assentados.

Em relação ao tempo em que permanecem na propriedade rural, 95 respondentes permanecem em período integral, 15 não residem na propriedade, 1 respondente apenas permanece apenas no período de safra, 3 permanecem durante o final de semana, e 1 respondente não

respondeu à questão. Isso revela que a propriedade é a moradia desses agricultores.

Quanto ao uso da terra, 90,4% dos respondentes a utilizam para cultivo, enquanto 9,6% não utilizam com atividade de cultivo. Desses 90,4% que possuem lavouras, destacam-se o feijão, milho e sorgo. Quanto à criação de animais, 79% dos respondentes possuem criação de animais, enquanto 21% não fazem uso desta atividade. Entre os animais que mais foram citados, destaca-se caprino, bovino e aves. Portanto a propriedade da agricultura familiar dedica-se a uma diversidade de usos, uma vez que o sustento da família é o principal objetivo das famílias.

Feita esta breve caracterização das famílias, passamos para os dados relativos à presença da Petrobras nos assentamentos e as parcerias e contribuições, assim como os problemas que esta relação acarreta.

De forma geral, os relatos revelam que a presença da Petrobras é bem-vinda e em certa medida os moradores estabelecem uma relação de substituição, frente a ausência do Poder Público. Contexto que a própria empresa indica dificuldade em entender esta inversão de papéis, pois como atuam na área técnica de energia, a relação com as famílias assentadas apresenta lógicas de convivência popular que não conhecem, mas que ajudam na construção de parcerias entre a empresa e a comunidade. Nesse contexto percebe-se uma possibilidade de atuação da universidade, ou seja, a universidade poderia e deveria



estabelecer projetos com metodologias que contribuíssem, ao mesmo tempo, para a autonomia e cooperação entre a comunidade e a empresa. O qual seria também positivo para a atuação da universidade.

Ao serem indagados sobre o tempo de exploração da terra pelas empresas de extração de petróleo, 3 respondentes afirmaram que iniciaram há menos de 5 anos, 49 que já acontece a exploração em suas terras entre 5 e 10 anos, 11 respondentes de 10 a 20 anos e 52 que a exploração já acontece a mais de 20 anos.

Dos tipos de instalações para a exploração de petróleo, destacam-se: poço e tubulação em 80 respondentes, seguido de

poço com 15 respondência, somente tubulação, 8 respondentes e 5 disseram existir outros equipamentos

Outros fatores de suma importância para as comunidades foram o acesso a outros benefícios como: estradas, segurança e energia. Por serem lugares isolados, a exploração das áreas trouxe melhorias nas estradas, monitoramento de segurança e acesso à energia elétrica. O Quadro 2 descreve como os entrevistados reconhecem os benefícios de sua interação com a Petrobras. Os entrevistados foram convidados a elencar em ordem de importância (sendo 1 para o mais importante e 5 para o menos importante) os benefícios recebidos.

**Quadro 2 - Benefícios que a Petrobras trouxe com suas instalações**

Acesso	1	2	3	4	5	6	7	8
Água	5,2 %	9,6 %					1,7 %	1,7 %
Recursos financeiros	77,4 %	7,0 %	2,6 %			0,9 %	0,9 %	
Programas	0,9 %	2,60 %	0,9 %		0,9 %	2,6 %		0,9 %
Benefeitorias		0,9 %	0,9 %	0,9 %	2,6 %			0,9 %
Tecnologia				2,6 %			0,9 %	
Assessoria				0,9 %	0,9 %	0,9 %	0,9 %	0,9 %
Parcerias		0,9 %	0,9 %	0,9 %		0,9 %	0,9 %	

Fonte: Elaborado pelos autores com os dados da pesquisa

O quadro indica que a questão dos recursos financeiros foi destacada nas entrevistas, este dado precisa ser colocado em relação às dificuldades econômicas e de construir um projeto de vida no local com ausência de políticas fundiárias que viabilizem o trabalho no campo. A Petrobras, por ser a principal fonte de recursos, tende a influenciar as respostas dos assentados que buscam potencializar este precedente.

A água e os outros itens, no contexto atual, perdem a importância, sendo relativizados, pois se o dinheiro do petróleo chegasse às famílias, eles mesmos poderiam investir na terra, pois este é o projeto principal das famílias.

Outros fatores relevantes para as comunidades foram o acesso a benefícios como: estradas, segurança e energia. Por serem lugares de difícil acesso, a exploração das áreas trouxe melhorias nas estradas, monitoramento de segurança e acesso com maior facilidade à energia elétrica.

O Quadro 3 evidencia as principais dificuldades citadas pelos respondentes foram respectivamente: a depredação de vegetação nativa com 21%, a morte e extravio de animais e derramamento de óleo com 20% de importância.

**Quadro 3 - Problemas Enfrentados com as Instalações para Exploração do Petróleo**

	1	2	3	4	5	6	7	8
Barulho de caminhões	5	3	2	2	3	3	1	19
Depredação de vegetação nativa	6	9	2	1	2	0	0	0
Depredação de plantas e culturas	3	3	4	1	0	0	0	0
Derramamento de óleo	10	9	4	2	3	0	1	0
Poeira e sujeita na casa	8	6	3	3	0	3	1	0
Morte e extravio de animais	37	9	6	2	0	1	0	0
Impacto negativo na produtividade (animais e plantio)	4	5	2	2	0	0	2	0

Fonte: Elaborado pelos autores com os dados da pesquisa

Apesar de não constar no questionário, os assentados reclamaram da falta de treinamento oferecido pela empresa para manuseio ou em caso de acidente,

procedimentos emergenciais para operar com as máquinas. Podemos observar que 83 dos entrevistados responderam que não receberam nenhum tipo de treinamento para

casos de emergência como: incêndio, derramamento de óleo, vazamento de gás e outras eventualidades. Seguidos por 24 dos entrevistados que responderam que sim, receberam treinamento adequado e apenas 5 entrevistados receberam manuais para orientação de como proceder em tais casos comentados anteriormente.

Pelas entrevistas, percebemos que os assentados gostariam de obter conhecimentos para operarem as máquinas, mas a Petrobras informa ser a única responsável pela manutenção do equipamento trazendo assim, descontentamento para as famílias, que gostariam de participar e aprender a manusear as máquinas.

### **Considerações finais: organizando a próxima etapa**

Os resultados deste diagnóstico foram apresentados para gestores da Petrobras que trabalham nessas áreas, houve uma certa surpresa quanto aos danos produzidos pelas ações, e por outro lado eles avaliavam que o retorno financeiro do uso das terras era mais significativo do que se imaginava.

Como podemos observar nestes projetos, a universidade, nem tão pouco uma empresa como a Petrobras está preparada para fazer parcerias com estas comunidades, as demandas que eles apresentam não correspondem a racionalidade técnica que orienta as ações dos agentes externos da

comunidade, assim como dificulta a leitura dos papéis que lhes são atribuídos pela ausência de políticas públicas ou projetos de inclusão social, pois nossa esfera tende, em sua majoritária ação, ao trabalho assistencialista, não que isto seja menor, mas não corresponde às demandas que encontramos nas entrevistas.

A etapa seguinte do projeto prevê um processo de discussão desses dados com as comunidades e a elaboração de propostas de interação com a atividade Petrolífera de forma a produzir menos impactos e ser mais receptiva em relação às comunidades e as suas demandas, ainda mais agora que grande parte dessas atividades foram entregues ao setor privado.

### **Referências**

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 2014.
- FREI BETTO. **Paulo Freire: a leitura do mundo** (Por Frei Betto) Folha de São Paulo em 3 de maio de 1997.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da Riqueza das Nações**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1989 [1981]
- PINHEIRO, Amálio. **Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.
- TRAGTENBERG, Maurício. A delinquência acadêmica. **verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol**, n. 2, 2002.